



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6609 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS NO PNME: REFLETINDO UMA EXPERIÊNCIA LOCALIZADA

Daniele Ferreira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS NO PNME: REFLETINDO UMA EXPERIÊNCIA LOCALIZADA

RESUMO

Localizado no campo dos saberes feministas, este estudo busca compartilhar algumas experiências de práticas pedagógicas insurgentes que aconteceram durante a execução do Programa Novo Mais Educação (PNME), no ano de 2017 e 2018, de uma escola pública, situada no Estado da Bahia. As pedagogias feministas são práticas que problematizam os/as sujeitos/as e seus cotidianos a partir dos marcadores de gênero, raça/etnia, classe, sexualidade, territorialidade, numa miragem das encruzilhadas. Ademais, são pedagogias que buscam visibilizar as experiências localizadas e que valorizam os diversos saberes históricos e político-sociais de corpos generificados e racializados que, ao longo de sua trajetória de vida foram subalternizados. Assim, cortejemos refletir como essa prática lastreada por esses marcadores deslocou o cotidiano da escola, bem como a (des) formação dos/as estudantes, tendo como apoio metodológico a pesquisa bibliográfica e a História Oral, assumindo a memória e a escrita como fonte. Nesse sentido, foi possível perceber, principalmente pelas lentes da oralidade e das produções literárias dos/as estudantes, que as Práticas Pedagógicas Feministas podem ser pensadas como uma possibilidade potente, capaz de fissurar o construto de sociedade hegemônica que, ao longo de séculos têm encaixotado de forma violenta o modo de ser e viver das/os sujeitas/os.

Palavras chave: Pedagogias Feministas. Práticas Pedagógicas. Educação-Programa Novo Mais Educação;

1 INTRODUÇÃO

Um estudo no campo dos feminismos precisa, antes de tudo, assumir posicionamentos políticos (Dona HARAWAY,1995). Nessa correnteza, escrevemos esse texto para semear girassóis, pois boa parte das coisas que temos lido e

escutado sobre as escolas públicas são narrativas que têm nos preocupado. Na maioria das vezes, são dizeres e escritas negativadas: o “ lugar onde nada acontece”. Assim, expandir as práticas insurgentes que estão acontecendo dentro desses espaços/tempos é resistência, sobretudo num contexto de retrocesso, onde a perseguição a professores/as se prolifera e num momento em que o governo ultraconservador, excludente e genocida não tem se importado com a vida, em particular com as vidas negras, LGBTQTIQ+, indígenas, sertanejas, quilombolas. Partindo desse entendimento, questionamos como a escola pública pesquisada, acolheu e executou em 2017 e 2018 o programa *Novo Mais Educação*, num contexto de pós golpe e conseqüentemente em um cenário de perseguição a educação como uma prática liberdade? O interesse não é romantizar o espaço escolar, mas refletir sobre as práticas pedagógicas com outros olhos, dizer outros tantos, visibilizar esse ambiente como um território sedutor no combate as diversas violências, sejam elas de gênero, raça/etnia e sexualidade e também como um lócus estratégico de afirmação, formação de redes e de protagonismos. Esse é o nosso propósito, compartilhar experiências localizadas e que valorizam os diversos saberes históricos e político-sociais de corpos generificados, sexualizados, racializados.

Para tanto, assumimos a pesquisa bibliográfica e a História Oral como procedimentos metodológicos, apreendendo a memória e a escrita como fonte. Certas que não daria conta abarcar todas as ações/ atividades realizadas dentro de fora da escola, escolhemos aquelas que, ao revisitar as fotografias e as poesias dos/as estudantes, a memória acenou e o sorriso se alargou de forma involuntária. Nesse sentido, o intento é narrar o que “a-com-teceu” no cenário investigado. Cabe ressaltar que este texto é escrito em primeira pessoa, ora do plural, ora do singular. Assim o *e u* se mistura com o *nós* no “a-com-tecer” da escrita. Segundo Rosane Vieira de Jesus (2012) o “a-com-tecer” é caracterizado por permitir que as coisas aconteçam (com) ou seja, juntos/juntas. O “a com tecer” flui das experiências em cirandas, em coletivos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE COMO A ESCOLA ACOLHEU E EXECUTOU O NOVO MAIS EDUCAÇÃO

Para engrossar a tessitura desse texto, é imprescindível apresentar a(ao) leitor (a), que o Programa Mais Educação foi criado em 2007, com intuito de fortalecer a política de educação integral no Brasil. De acordo com a portaria normativa de nº 17, de 24 de abril desse mesmo ano, o objetivo do programa nesse período, era colaborar para a desenvolvimento e formação de crianças, adolescentes e jovens das redes públicas de ensino, desconcertando o cotidiano escolar suas práticas curriculares, alargando assim, outras possibilidades de saberes, práticas pedagógicas e conteúdos educativos. Em 2016, esse programa foi reformulado, passando a se chamar PNME - Programa Novo Mais Educação, cujo objetivo foi preparar os/as estudantes para as avaliações educacionais do governo, bem como, para o mercado de trabalho. (BARBOSA E RODRIGUES, 2017). Nesse movimento, foram retirados dos planejamentos curriculares assuntos relacionados a Direitos Humanos, História, Sociologia e Filosofia campos de saberes caros no início do programa, em 2007. O PNME surgiu em um contexto político que desencadeou no Brasil, no ano de 2016 o que os/as historiadores/a contemporâneos chamaram de “golpe de Estado” (MATOS, 2016; LARA, 2016). A então presidenta eleita Dilma Rousseff, teve seu mandato cassado e foi retirada da presidência sem nenhuma comprovação de improbidade administrativa, assumindo o poder o então vice-presidente Michel Temer (MATOS, 2016).

Para os/as historiadores/as, o golpe representou uma ameaça à democracia e aos direitos sociais garantidos na constituição de 1988, tão caro aos brasileiros e brasileiras. Desse modo, a escolar onde foi realizada a pesquisa, executou o programa meio a esse cenário de ataques aos direitos constitucionais relacionados a educação. Durante minha andanças e cheganças no chão da escola, como professora e pesquisadora, fui tomando nota do pátio, dos corredores, da sala de aula, secretaria e dos lugares sociais dos/as funcionários/as e estudantes. Nesse momento, lembro dos ensinamentos de Marli André sobre a pesquisa das práticas escolares, onde a autora aponta que em um estudo sobre a escola, o/a pesquisador (a) precisa tomar nota das relações institucionais, relações pedagógicas, e a relações políticas e culturais desses ambientes (ANDRE, 2015). Num movimento de pensar práticas pedagógicas feministas, dialogamos com Irene Martín (2016), que nos alerta, as pedagogias feministas miram provocar debate e ação entre os mecanismos de luta pela igualdade e assim construir uma educação despatriarcalizada, e antirracista ao tempo que provoca emancipação e a transformação social. Segundo Martín, quando se fala/escreve sobre as pedagogias feministas não só se refere a uma disciplina científica, mas também uma dimensão política/poética/engajada em todos os espaços de articulação/reflexão e produção de saber que almeja os fissuramentos das fronteiras e imaginários hegemônicos, construindo assim, sociedades mais justas e livres de derreamentos de sangues.

Nessa sintonia, Bell Hooks, (2013) sinaliza que a educação feminista é e carece de ser um lugar marcado pelo sentimento de luta e resistências, na qual há uma consideração notável da adesão entre teoria e prática e um trabalho em diálogo com o educador e o educando. Paralelo a isso, nota-se que para uma “prática para liberdade”, lastreada num planejamento antirracista, antissexista, e anticolonial, é preciso um tensionamento no currículo, exigindo assim, um olhar atento frente a realidade sociocultural, geográfica, de raça e gênero dos/as estudantes dentro das escolas públicas. Ainda segundo Bell Hooks (2013), não é possível se pensar em uma educação como prática libertadora e transgressora da sociedade sem dialogar com a realidade e com o contexto no qual o/a indivíduo/a esteja inserido. As pedagogias feministas enquanto práticas educativas permitem o rasuramento de ideologias hegemônicas, hierarquizante e excludente. Ainda Segundo Bell Hooks (2013), não é possível se pensar em uma educação como prática libertadora e transgressora da sociedade sem dialogar com a realidade e com o contexto no qual o/a indivíduo/a esteja inserido.

2 ENLAÇANDO EXPERIÊNCIAS

Se a experiência é que nos desloca, como aponta Larrosa (2002), é importante iniciar dizendo que todas as experiências vivenciadas no Colégio e exposta aqui, foram pensadas e executadas com os/as estudantes do PNME. Assim, ida ao atelier[1] do artista plástico coiteense Pepeu Ramos, foi a primeira atividade escolhida pelos estudantes e planejada pelo coletivo de professores/as do programa. Essa proposta política pedagógica teve a intenção conhecer os/as artistas, práticas culturais e os saberes localizados. O intuito era perceber esse lugar com outros olhos, “outros tantos”, para além dos rótulos e dos estigmas construídos. Até chegar o dia da “visita”, houve um estudo sobre a pluralidade cultural e as pelejas de (re)existências na Bahia. Desse modo, conhecer sobre a vida de Pepeu Ramos e suas obras foi fundamental. Durante as aulas, assistimos também o vídeo documentário Faces da Negritude [2], uma película que traz a cena mulheres e homens negras e negros que forjaram na labuta diária lutas por um semiárido mais justo com reparação racial social e de gênero. Segundo Nilma Lino Gomes (2012),

as ações dos movimentos sociais organizados, em especial ao movimento negro que luta por diversas políticas de reparação, têm contribuído de forma significativa para tencionar uma educação antirracista.

“Não é de hoje que a educação vem sendo considerada, pelos atores da luta contra o racismo, como um espaço estratégico de atuação” (Nascimento, 2005, p. 27). Foi baseado nos conselhos de Valdeci Nascimento (2005) que escolhemos o Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – MAFRO, situado no centro histórico, Salvador- BA, próximo espaço a ser visitado. O propósito desta atividade foi pensar o MAFRO, como mais um espaço educacional contra hegemônico, onde é possível refletir sobre o continente africano e as diásporas. Nesse sentido, foi feito um estudo um sobre importância do museu como guardião da memória ancestral dos povos que foram escravizados por mais de trezentos anos no Brasil. Intentamos ainda visibilizar as lutas históricas dessas populações, assim como, as estruturas racistas que tem matado mulheres e homens negros na contemporaneidade. Como já sinalizado, as práticas pedagógicas feministas cortejam uma luta diária por uma educação antirracista, antissexista e antiLGBTTFóbica, cooperando para disseminação de valores que construa igualdade e respeito à diferença.

Para finalizar, apresentamos ao leitor/a o Sarau do Novo Mais Educação, realizado no segundo semestre de 2018, cujo o intento foi estreitar os laços da escola e a comunidade ao seu redor. O evento aconteceu no salão de exposição, na praça da babilônia,^[3] localizada próxima a escola, onde o pôr do sol também se ofereceu como cenário. Nessa “estripulia epistêmica”, fechamos a rua principal da praça, colocamos várias cadeiras e as pessoas que passeavam pelo jardim sentavam-se e com olhares direcionado ao palco, esperavam as apresentações. Para Bernadete Gatti (2012) não se pode pensar a educação escolar, sem pensar nos estreitamentos com as demandas socioculturais que envolve a sociedade. Nesse sentido, poetas, cantores/as e grupos teatrais da cidade foram convidados/as a realizar o sarau, friso apenas alguns/algumas, o grupo de teatro Quaisquer Fulano^[4], associação cultural beneficente Revolution Reggae^[5] e Orquestra Santo Antônio^[6] e Keu Silva^[7] além das/os alunas/os do PNME e do ensino “regular” da escola pesquisada.

É importante destacar, que essa atividade sociocultural foi dedicada a memória de Marielle Franco, mulher negra, lésbica, socióloga assinada em 14 de março de 2018. Marielle, ativista na luta antirracista, antissexista e antiLGBTTFóbica. Em 2016 foi a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro e fazia parte e comissão da mulher e da comissão criada para monitorar a segurança pública do estado^[8]. Segundo a filósofa Sueli Carneiro^[9], a morte de Marielle Franco incidiu num momento em que o protagonismo das mulheres negras consegue seu maior grau de visibilidade, num momento que esse protagonismo demarca as condições imprescindíveis para que o feminismo possa se tornar um mecanismo emancipatório e efetivo para todas as mulheres. Durante o sarau, foi falado sobre a trajetória de vida e de militância de Marielle Franco e indagamos o público com a pergunta lançada pelos movimentos sociais e defensores/as dos direitos humanos de todo país: “quem matou Marielle? Nesse momento as palmas e os gritos estrondaram a praça e num só ritmo responderam: “Marielle presente, hoje e sempre”. Diante dessa desobediência epistemológica, achamos pertinente trazer para o corpo deste texto a poesia produzida por Bianca Araújo, estudante do PNME:

Mãe preta

Experimenta ser mulher

e ainda ser mulher preta
 ter cabelo crespo
 e alisar pra ser aceita
 Experimenta ser olhada dos pés à cabeça
 e não ser o padrão ideal de beleza
 Experimenta não se sentir representada porque o único
 papel que lhe resta na novela das 9, é o da empregada
 Experimenta vestir roupa curta
 sem ser taxada de puta
 Experimenta ser desejada pelo que
 tem no corpo e não pelo que tem na alma
 Experimenta ser abordada na porta da loja, na fila do banco,
 no caminho da escola.
 Experimenta ser mãe preta
 E vê seu filho esticado na vala
 Onde o sangue derrama e a mãe preta
 Aos prantos mira seu filho
 Escravejado de bala
 Experimenta!^[10]

Segundo a autora, a poesia foi elaborada após assistir, nas aulas de acompanhamento pedagógico de Português, o videoclipe *Cota não é esmola*^[11], de Bia Ferreira, mulher negra ativista, que utiliza a música como instrumento político de denuncia das mazelas sociais que assolam as populações negras. Essa aula aconteceu no segundo semestre de 2018, quando estávamos estudando os gêneros textuais. A música engajada de Bia Ferreira, forjou um debate pujante sobre a condição das mulheres negras no pós-abolição da escravatura, no Brasil. Para a historiadora e ativista Beatriz Nascimento (2006), as mulheres negras nos dias de hoje, ainda continuam ocupando uma condição social parecida com a que ocupava na época da colonização. Segundo ela, isso “é tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados”. (NASCIMENTO, 2006, p.104).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentemos aqui fazer uma “estripulia epistemológica” ao visibilizar as práticas insurgentes de uma escola pública. Essa traquinagem nos permitiu vislumbrar outros olhares e horizontes na tessitura resistente dos fazeres pedagógicos, sobretudo no contexto político atual baiano/brasileiro que estamos vivenciando, cujo o projeto de lei Programa Escola Sem Partido se alastra feito pólvora, e nesse bojo os episódios corriqueiros de censura, perseguição e ameaças a professores/as que discutem as questões de gêneros e sexualidades no cotidiano híbrido na escola.

Desenhemos essas linhas porque como feministas - ativistas - professoras nos recusamos ver esse ambiente somente como o lugar do conflito e da precariedade, narrativa essa enfadonha (mesmo ciente que tudo isso existe). Ousamos tecer essa reflexão, por entender que é preciso fazer o contra discurso. Dizer outros tantos sobre esses espaços, é necessário em tempos sombrios, semear girassóis, afrontar e esperar, como bem me ensinou o velho mestre, Paulo Freire. (2011) esse, também execrado atualmente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 2015.

BARBOSA, José Renildo e RODRIGUES, Maria Cibele Lima. **A proposta de formação do programa “novo” Mais Educação: ambiguidades e seus contextos**. 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA2_ID84 Acesso em 20 junho de 2020.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Scielo. nº 19, p. 20-27.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)**. Brasília, 2007.

_____. Portal Mec. Saiba Mais – **Programa Mais Educação**. Brasília, DF. Disponível em: Acesso em: 20 de julho de 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATTI, A. Bernadete. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. 2012. GOMES, Nilma Lino, SILVA Petronilha B. Gonçalves. (orgs) **Experiências étnico- culturais para a formação de professores** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. WMF. Martins Fontes, 2013.

JESUS, Rosane Meire Vieira de. **Comunicação da experiência fílmica e experiência pedagógica da comunicação**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.

LARA, Silva. Manifesto. In: **Historiadores pela democracia: o golpe de 2016: a força do passado** MATOS, Hebe (org). São Paulo, Alameda, p. 92-113, 2016.

MARTÍN, Irene Martínez. **Construcción de una pedagogía feminista para una ciudadanía transformadora y contra-hegemónica**. Foro de Educación. 2016.

NASCIMENTO, Valdeci Pereira. **Pressupostos Básicos da Formação de Professores no Projeto Escola Plural: a diversidade na sala**. São Paulo: Cortez, CEAFFRO, 2005.

[1] O sitio atelier de Pepeu Ramos fica localizado no semiárido baiano.

[2] O documentário se encontra disponível no youtube através do link <https://www.youtube.com/watch?v=m4lbgo9oxfc>

[3] A praça é um espaço onde se costuma realizar atividades artísticas. É um ponto de cultura a céu aberto.

[4] Grupo teatral criado por jovens cujo o intuito é falar dos cotidianos do semiárido de forma positivada.

[5] Associação cultural e beneficente, criada em 2003 por jovens periféricos com objetivo de promover o debate da Raça, Gênero, Sexualidade e Território pelo viés da Musicalidade Reggae.

[6] O projeto Orquestra Santo Antônio foi criado em 2007 com objetivo é proporcionar formação artística e cultural a jovens oriundos de periferias das baianas.

[7] Jovem poeta e mobilizadora cultural. Suas poesias são direcionadas a mulheres camponesas.

[8] Site Geledes Instituto de Mulher Negra: <https://www.geledes.org.br/marielle-franco-foi-assassinada-na-noite-desta-quarta-14-no-centro-do-rio-aos-38-anos-principal-suspeita-e-execucao/>.

[9] Palavras proferidas por Sueli Carneiro, em uma roda de conversa intitulada: "Diálogos socioespaciais: racismo institucional e ações de inclusão. Sendo possível acessar através do site: <https://fundacaotidesetubal.org.br/videteca/play/2645/>

[10] Poesia feita por Bianca Araújo durante as aulas de acompanhamento pedagógico de português e recitada pela autora no sarau do novo mais educação. Poesia legalmente autorizada para publicação .

[11] É possível acessar através do link <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>.